

VISÃO DO CORREIO

China, EUA e o alerta de Tucídides

Há 2.500 anos, o historiador grego Tucídides observou que a Guerra do Peloponeso, na Grécia Antiga, não foi causada por um incidente específico, mas simplesmente pela ascensão inevitável de uma potência que ameaçava a hegemonia da outra. "A ascensão de Atenas e o medo que isso provocou em Esparta tornaram a guerra inevitável", disse. A lição atravessou os séculos e ganhou nome contemporâneo: a "Armadilha de Tucídides" descreve o risco estrutural de conflito quando uma força emergente desafia a estabelecida.

Na cúpula realizada nesta quinta-feira em Pequim, o líder chinês Xi Jinping colocou essa armadilha explicitamente na mesa ao questionar o presidente Donald Trump se China e Estados Unidos conseguirão escapar dela. Não foi digressão acadêmica. Foi o reconhecimento de que a falência do diálogo entre as duas potências não é uma hipótese distante, mas um processo de ruptura em curso que ameaça qualquer vestígio de estabilidade global.

O paralelo entre Atenas e Esparta é evidente no atrito entre China e EUA. O conflito já se materializa diariamente na inflação persistente, no custo dos combustíveis e na volatilidade cambial que penaliza o poder de compra das populações. A guerra tarifária permanente, o bloqueio cruzado no mercado de semicondutores e a reconfiguração forçada das cadeias de suprimentos transferem uma fatura altíssima, impiedosamente, aos países em desenvolvimento. Enquanto Washington e Pequim jogam xadrez pela supremacia tecnológica e militar, as nações do Sul Global enfrentam pressões severas para escolher um lado, sacrificando segurança alimentar e energética em nome de um alinhamento que não lhes oferece garantia alguma.

O histórico recente da relação bilateral não autoriza qualquer entusiasmo. A política externa norte-americana, marcada pela imprevisibilidade e pela ameaça constante de rupturas tarifárias unilaterais, encontra sua contrapartida no expansionismo assertivo de Pequim, na intimidação sobre Taiwan, no controle agressivo das rotas do Mar do Sul da China. Na última década, ambos os governos notabilizaram-se por esvaziar fóruns multilaterais e instrumentalizar as regras de comércio como arma de coerção. Falar em "coexistência" num cenário em que a confiança mútua foi deliberadamente destruída soa como estratégia retórica para ganhar fôlego, não como inflexão genuína.

O que o impasse atual — entre uma potência estabelecida que resiste em ceder espaço e uma nação ascendente que reivindica protagonismo imediato — exige não é um armistício calibrado pelas conveniências do calendário político de cada capital, mas salvaguardas concretas: regras de comércio previsíveis, canais de comunicação que funcionem fora das cúpulas e mecanismos de contenção de crises que independam da disposição pessoal de dois líderes.

A invocação de Tucídides serve como lembrete de que a história não costuma perdoar a arrogância de grandes impérios. Se os Estados Unidos insistirem na contenção de Pequim pela força comercial bruta, recusando-se a acomodar o novo peso geopolítico chinês, e se a China confundir ascensão econômica com salvo-conduto para atropelar a soberania alheia, o confronto deixará de ser uma analogia política com a Grécia Antiga para se tornar um trágico fato consumado. A história reserva encargos pesados para quem subestima o custo de um erro de cálculo nessa escala.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

O peso eleitoral dos áudios

Faltam 142 dias para o primeiro turno das eleições. São 20 semanas pela frente. Em um ambiente político marcado pela radicalização, é razoável imaginar que este seja apenas o começo de uma temporada de denúncias, vazamentos, operações policiais e guerras de narrativa. O que vimos nos últimos dias, com a repercussão do caso Ypê e, principalmente, das conversas entre o senador Flávio Bolsonaro e o banqueiro Daniel Vorcaro, parece funcionar como um prenúncio do que estará no centro da disputa eleitoral até outubro.

A política brasileira entrou definitivamente na era da contaminação permanente. Não existe mais fato isolado. Tudo vira munição eleitoral instantânea. A suspensão de lotes de detergentes da Ypê pela Anvisa, uma discussão originalmente técnica, transformou-se em batalha ideológica nas redes sociais, em busca da narrativa que melhor mobiliza a bolha de cada lado. Acusações de perseguição política e campanhas de desinformação passaram a disputar espaço com os alertas sanitários. Houve quem gravasse vídeos "bebendo" detergente para contestar a decisão do órgão. Uma irresponsabilidade que o próprio ministro da Saúde precisou condenar publicamente.

Mas é no caso envolvendo o Banco Master que reside o potencial mais explosivo. Não apenas pela gravidade das investigações ou pelos valores bilionários mencionados até agora. O ponto central está na dimensão política das revelações. As mensagens divulgadas mostram uma relação próxima entre Flávio Bolsonaro e Vorcaro, em tom de súplica, que ultrapassa em muito a formalidade institucional ou empresarial. Expressões como "irmão" e "estarei contigo sempre" têm um peso político enorme

em um país traumatizado por escândalos sucessivos de promiscuidade entre poder econômico e a classe política.

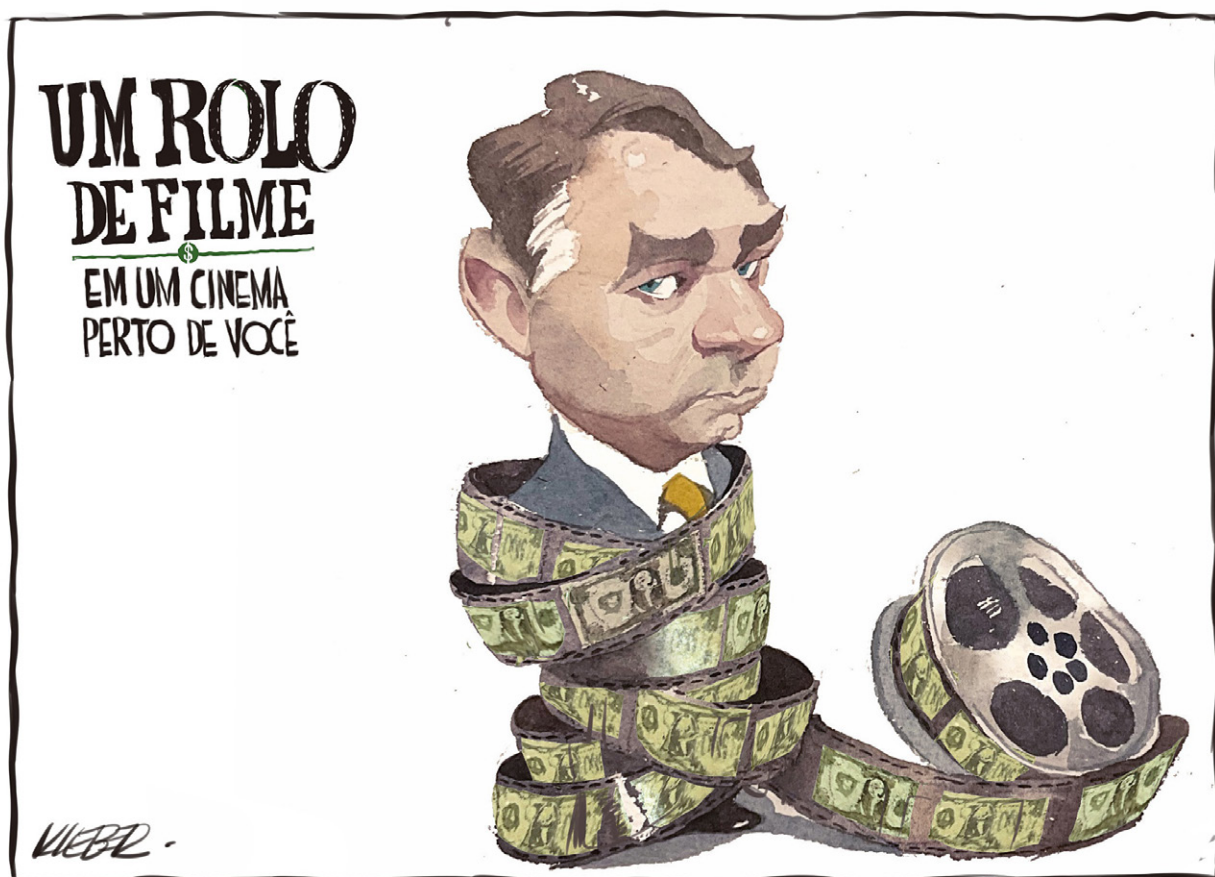
Nos bastidores de Brasília, aliados do senador admitem reservadamente a preocupação com os efeitos eleitorais do episódio. A primeira pesquisa após a divulgação das conversas será conhecida na terça-feira. Ela deve oferecer os primeiros sinais concretos sobre o impacto junto ao eleitorado. Principalmente aquele que não integra os núcleos mais fiéis do bolsonarismo ou do lulismo.

É claro que os eleitores mais convictos tendem a permanecer onde sempre estiveram. O bolsonarista raiz provavelmente aceitará qualquer justificativa apresentada. O petista fará da história um símbolo definitivo de hipocrisia. Mas eleição presidencial não se vence apenas com militância. Ela passa obrigatoriamente pelo eleitor moderado, cansado da polarização e desconfiado de todos os lados.

É justamente nesse ponto que o episódio se torna delicado para Flávio Bolsonaro. Durante anos, o combate à corrupção funcionou como um dos pilares centrais do discurso bolsonarista. Agora, cada vez que o senador mencionar o Banco Master ou tentar utilizar novamente a carta moral contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a lembrança das mensagens virá automaticamente à tona.

Ainda é cedo para medir o tamanho real do estrago. Crises políticas têm dinâmica própria. Algumas desaparecem rapidamente. Outras criam marcas permanentes. O que sabemos é que a campanha de 2026 começou antes da hora.

As primeiras respostas virão nas pesquisas dos próximos dias. As definitivas só chegarão nas urnas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Brasil merece mais

A política brasileira não tem jeito mesmo! Mistura poder, dinheiro e conveniência como se tudo fosse parte de um jogo. Um pedido de R\$ 134 milhões para financiar um filme político insignificante é uma desfaçatez com quem luta para pagar as contas, vê os serviços públicos desmoronarem e vive a realidade desvinculada do roteiro de campanha. O Brasil merece mais que isso!

» **Pacelli M. Zahler**

Sudoeste

Confiança

A Polícia Federal (PF) é, sem dúvida, digna da confiança da população brasileira. Por vários motivos, inclusive porque não joga para baixo do tapete eventuais malfeitos cometidos por membros da própria corporação. É um exemplo de integridade que deveria ser seguido por outras instituições da República.

» **José Leite Coutinho**

Sudoeste

Prática comum

O Brasil não é um país de iniciantes. Essa história do Flávio Bolsonaro pedir dinheiro para o Daniel Vorcaro é mais uma história que a esquerda tenta colar contra a família Bolsonaro. Há diversos registros públicos mostrando que o Banco Master patrocinou eventos culturais, mídia, carnaval, campanhas publicitárias e projetos ligados ao entretenimento — algo relativamente comum no setor bancário brasileiro. Então, pau que bate em Chico bate também em Francisco. Vamos investigar todos os patrocínios do Banco Master para artistas, ações culturais e demais.

» **Anivaldo Silva**

Piracicaba (SP)

Satélites proibidos

O deputado federal por Rondônia Lúcio Mosquini (PL), nas redes sociais, pede o empenho de seus colegas para aprovarem o projeto de lei que, entre outras polêmicas, proíbe o uso de satélites para fiscalizar áreas rurais. Ao defender a proposta, o deputado demonstra, com todas as letras, que o projeto favorece o desmatamento e protege o agricultor que age à margem da lei. Para pontuar, Rondônia chegou a registrar uma queda de 43,3% no desmatamento (agosto de 2024 a julho de 2025), atribuída a uma combinação de fiscalização, uso de tecnologia (satélites) e políticas públicas integradas. Esse é o nível da Câmara Federal: não se prioriza o bem-estar coletivo; prevalecem interesses restritos, voltados à própria "bolha".

» **Marcus Aurelio de Carvalho**

Santos (SP)

Bola para o mato

Severino Francisco, na edição do **Correio** de 12 de maio, traçou com irretocável precisão características marcantes do cerebral meia Gérson Nunes, o notável e inigualável canhotinha do trio no México. Com invejável e apurada técnica, Gérson encantou estádios do mundo inteiro. Severino, na crônica *Bola para o mato*, recordou os lançamentos

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Pedido de financiamento não é propina, diferentemente do patrocínio de escolas de samba com dinheiro do jogo do bicho e empresas envolvidas na Lava-Jato. A diferença está aí! Até porque, o financiamento se paga! E o investimento seria pago pela própria bilheteria do filme.

Luiz Bittencourt — Brasília

O bolsonarismo pode não compreender o que é a Lei Rouanet, mas vai entender na prática o que é a lei do retorno...

Vital Ramos de Vasconcelos Júnior — Jardim Botânico

Filme sobre Bolsonaro: me disseram que era uma cinebiografia; pensei que era comédia ou fantasia; mudei para ficção; depois para terror. Na verdade, tudo não passa de uma grande sacanagem.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

NBB: a noite de quinta-feira foi linda. Apesar da derrota do Brasília, nossa capital pulsa o esporte e pode ser palco democrático para todos os moradores. Jogo emocionalmente, vamos vencer o jogo cinco!

Andrei Pires — Distrito Federal

precisos de Gérson, na Copa de 1970, que consagraram Pelé e Jairzinho. Gerson foi eleito pela Fifa, depois de Pelé, o melhor jogador daquela Copa. Até hoje, passados mais de 60 anos, a Seleção Brasileira não tem meia com as qualidades e a personalidade de Gérson. Triste constatação. "Quando Gérson recebia passes de virada pelo alto, a matada de bola no peito valia o ingresso. A bola vinha torta, era amortecida e morria lentamente na ponta da chuteira", recorda Severino com justificável emoção.

» **Vicente Limongi Netto**

Asa Sul

Taxa das blusinhas

Até as classes C e D não mais estão alinhadas com Lula. Daí a queda livre nas pesquisas eleitorais. Isso forçou o presidente a desfazer a carga tributária das "blusinhas" que ele mesmo taxou. A isso se chama "milagre eleitoral", na tentativa de recuperação nas pesquisas, e os Correios agradecem.

» **Humberto Schwartz Soares**

Vila Velha (ES)

CORREIO BRAZILIENSE

*"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara"*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342-1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br